

Andante – ao andar se faz o caminho

Falar dos últimos 3 anos da [Andante](#) é falar apenas da última parte do nosso trabalho. Há 20 anos que nos impomos neste universo restrito que é o meio artístico que trabalha directa e exclusivamente na promoção da leitura. Queremos dizer com isto que não temos projectos isolados na margem temporal desta proposta mas sim um contínuo que vem desde 1999 e que pretende continuar.

Porque o fazemos

Por uma pulsão criativa e um desejo de partilhar artisticamente um prazer pessoal – LER. Foi assim que nasceu a Andante: uma actriz e um sonoplasta que juntaram os seus conhecimentos e criatividade à volta de uma ideia que ponha uma areia na engrenagem do mundo.

É nossa convicção de que um bom leitor é um cidadão mais capaz de intervir socialmente, mais capaz de elaborar pensamento crítico, mais capaz de discernir entre propaganda e realidade, mais apto a compreender outras realidades e comportamentos e aceitá-los.

Sabemos que por muito bom que seja, um espectáculo não faz por si só um leitor. Mas também sabemos que se estiver enquadrado num programa mais vasto, que envolva professores, mediadores de leitura ou famílias, produz leitores. E dos bons. Por isso na Andante, desde início quisemos que o trabalho não fosse um trabalho isolado, mas que estivesse integrado em projectos de promoção da leitura mais abrangentes, com outras entidades, sejam bibliotecas ou escolas, serviço educativo de teatros ou museus e que estas instituições ao elaborarem os seus planos de actividade, nos incluíssem.

Sabemos que não se pode obrigar ninguém a gostar de ler. Mas pode-se tentar seduzir, pode-se partilhar o prazer da leitura, pode-se tentar quebrar preconceitos que relacionam directamente os livros, o teatro, a arte com algo aborrecido e monótono. É isso que fazemos todos os dias desde 1999: tentamos.

Como o fazemos

Os nossos espectáculos de promoção da leitura cruzam várias linguagens artísticas como o teatro, a música, a cenografia, a pintura, o vídeo, a sonoplastia, sempre com o objectivo de seduzir leitores. Aos livros retiramos as palavras, depois envolvemo-las na sua própria

sonoridade e acrescentamos sons e músicas. Misturamos tudo e servimos sob a forma de espectáculo teatral.

No final das apresentações o público questiona de onde vieram aquelas palavras, quem as escreveu, onde se podem encontrar? E é nesse momento, o momento da curiosidade, que se faz a ligação crucial ao livro, à fonte de onde saíram as ideias, as emoções, a construção linguística.

O público

Os pré-leitores

[“Afinal o caracol”](#); [“Afinal o Íbis”](#) e [“Afinal... o gato?”](#)

Uma das nossas últimas aventuras foi produzir espectáculos de promoção da leitura para bebés. Com poesia de Fernando Pessoa, ilustrações de Mafalda Milhões e música de Joaquim Coelho, começámos a entrar numa zona onde nunca antes nos tínhamos atrevido a entrar: seduzir para a leitura os pré-leitores.

Sabe-se que uma família que lê, que é assídua na biblioteca e que tem livros em casa, tem crianças leitoras. Quanto à eficácia das actividades artísticas na promoção da leitura para esta faixa etária, ainda está por provar. Mas há alguns exemplos, como este laboratório desenvolvido na Biblioteca de Odivelas em 2008, com resultados entusiasmantes: ["Dois braços para embalar uma voz para contar"](#). As bibliotecas que desenvolvem este tipo de trabalho de leitura associada ao prazer estético, aliada a um trabalho social bem estruturado, tendem a fazer crescer o número de bons leitores. Mas a Andante não é uma biblioteca, é um grupo de teatro. Quando apresentamos um espectáculo temos um tempo curto para ser eficazes. Começámos pela escolha do texto e escolhemos um bem escrito, intrincado, filosófico, verdadeiro com a presunção de que a descodificação dos significados não é o mais importante. Mais tarde verificámos que estávamos certos. O vocabulário e o seu significado não passa na sua totalidade para os bebés mas passa a musicalidade, passam as emoções, passa a brincadeira com a linguagem, passa uma estrutura estética que lhes fornece um modo de olhar o mundo longe da violência, e lhes dá uma dimensão da importância do belo.

Incumbimos uma ilustradora da missão “impossível” de cenografar, desenhar figurinos e ilustrar um espectáculo/livro com textos de Fernando Pessoa. Mafalda Milhões arriscou

connosco. Criou uma imagem limpa, sem muitos elementos de cor simultâneos, sem confusão de significados, com ícones grandes e em geral a duas dimensões. Não se pense no entanto que atingir a simplicidade significa apenas a exiguidade de traços ou de cor. O poema sobre um caracol é passado para os bebés a partir do chapéu de Fernando Pessoa. A espiral foi a forma encontrada por melhor servir o poema “Ai vira que vira”, que quando acaba é quando começa. O figurino da personagem vem do desenho dos vestidos dos anos 30 e 40 do século XX para acompanharem o chapéu do poeta.

Pedimos ao músico Joaquim Coelho que pensasse em como trabalhar a música para os bebés. Com ele descobrimos o silêncio, as respirações, as repetições. Experimentámos a calma mas descobrimos que poderíamos ir até à euforia.

Para além do trabalho artístico, a nossa missão como mediadores de leitura levou-nos a pensar que seria fundamental que cada bebé, cada família deveria sair do espectáculo com o livro na mão. Que o primeiro livro de poesia daquela criança fosse um livro de Fernando Pessoa, poderia fazer com que aquele momento de prazer se prolongasse e permanecesse “propriedade” daquela família. Tentámos que algum patrocinador se interessasse pelo projecto. Houve muita gente interessada mas quanto a patrociná-lo, é outra conversa. Nesse ano não houve livro. Houve apenas um CD com todos os textos, músicas e abordagens que experimentámos no espectáculo. Oferecemos este CD a todas as bibliotecas, creches e jardins de infância onde vamos. Agora o “Afinal o Caracol” já tem livro editado. ([aqui uma ligação para uma reportagem do Jornal Público](#)) E é um sucesso. Depois deste primeiro trabalho, construímos um outro. “Afinal o Íbis”. E foi assim que os pássaros de Pessoa invadiram com os seus cantos, as creches, as bibliotecas e mais importante, a cabeça dos meninos.

E por fim estreámos o último espectáculo desta trilogia. Fomos buscar mais um animal à obra do poeta, chamámos a mesma equipa e desde Fevereiro do ano passado, “Afinal...o gato?” percorre o país de norte a sul.

Depois de 3 espectáculos diferentes para bebés com poesia de Fernando Pessoa, consideramos pertinente continuar o trabalho de promoção da leitura com os pré-leitores. Não seguiremos com o mesmo poeta mas provavelmente traremos outro dos grandes para alimentar os sonhos dos pequenos. Quem sabe Camões? Em vez de “gu-gu-da-da”, “verdes são os campos da cor do limão”? Veremos.

Os primeiros leitores

“Andante(des)Concertante”

Os poemas que constituem o corpo principal do espectáculo são de João Pedro Mésseder. Mas, Álvaro Magalhães, André Neves, David Chericián, Miguel de Cervantes, Spike Milligan e Thomas Bakk também lá estão.

Joaquim Coelho compôs a música, tocou, e inventou instrumentos quando os existentes não o satisfaziam. Fernando Ladeira construiu uma estante que serve para ler música e texto, mas que numa batalha se transforma num escudo e a batuta, por sua vez, se transforma em lança, da estante nascem ramos e folhas e temos uma árvore de palavras onde as crianças lêem. Lucília Telmo encarregou-se de vestir a Maestrina. Pedimos-lhe que criasse a imagem de um maestro e ao mesmo tempo de um ser fantástico da floresta. O resultado foi o de uma maestrina verde, esvoaçante, cheia de folhas e raízes que conduz uma floresta, perdão, uma orquestra de crianças.

Há um poema do poeta brasileiro Millôr Fernandes que tem o título: “Poema para grande orquestra parada. Um silêncio bem alto.” Usámos e abusámos deste título para brincar com os meninos ao silêncio. Não achamos que as crianças devam ser mantidas em silêncio mas pensamos que a sociedade de tipo “histórico” em que vamos vivendo, cheia de stress e ansiedades por resolver as deixam muitas vezes aflitas e sem conseguir parar. Quisemos oferecer-lhes uma ferramenta para elas se poderem parar a si próprias. Quisemos oferecer-lhes o silêncio.

E como não queremos que a experiência do espectáculo se desvaneça mal acabe a função, no fim, fazemos uma gravação, que levam para a escola, onde se podem ver a cantar a poesia de João Pedro Mésseder e a dançar o poema com os movimentos da língua gestual portuguesa que a Sofia Maúl nos ensinou.

Os leitores adolescentes

“Quem quer ser Saramago”

Integrar nos currículos escolares os autores fundamentais pode ser uma estratégia de sedução para a leitura. Também nós recorremos a ela para abordar a obra de José Saramago, um autor que vem carregado com o preconceito, não só dos alunos mas também dos professores: é difícil de ler!

O desafio maior que se nos colocou desde o início foi dar clareza e som à “voz” de Saramago. Essa “voz” narradora, que nos conta, como se conversasse connosco, do encontro entre Fernando Pessoa e um dos seus heterónimos, da passarola do padre Bartolomeu e dos amores de Baltazar e Blimunda. Tornar essa “voz” audível e clara é a nossa tentativa de facilitar ao público uma entrada nos livros do autor.

Pensámos que a estrutura de um jogo/concurso poderia ser um caminho possível e atraente para o público adolescente. Os desafios poderiam ser estimulantes quer para quem já conhece a obra quer para quem se acerca dela pela primeira vez. Essa competição mantém os jovens despertos, e com o guião que lhes fornecemos, como se de um mapa se tratasse, vão deambulando connosco por entre as várias obras do autor.

O encenador Rui Paulo, que já encenou vários espectáculos nossos sempre com grande eficácia e sucesso, colocou em cena um DJ. Este personagem comanda a entrada dos textos com “Trance music”, um tipo de linguagem musical à qual os jovens aderem muito facilmente.

“Clube Med” – Dia mundial da leitura em voz alta

A convite do PNL, no dia 1 de Fevereiro de 2019, celebrámos o Dia Mundial da Leitura em Voz Alta. Com um grupo de alunos do ensino secundário do Agrupamento de escolas de Alcochete construímos um espectáculo, evidenciando como uma leitura pode ser algo mais do que um passatempo, mostrando como a literatura é mais profunda e nos lança sobre as questões fundamentais dos dias que correm.

O livro “Clube Mediterrâneo, doze fotografias e uma devoração” de João Pedro Mésseder, Ana Biscaia e Joana Monteiro foi a base desta apresentação. O tema das migrações, das fronteiras, dos muros, sob o olhar novo destes jovens, trouxe-nos novas interrogações, ajudou-nos a reflectir. A ler. A compreender. E a actuar.

Este trabalho envolveu profundamente este grupo de alunos e alguns professores que tornaram possível a sua concretização. Esse envolvimento, é dificilmente medido em números de livros lidos, autores e temas abordados pelos alunos mas temos alguns sinais animadores: quando preparámos o espectáculo do nosso Coro de Leitores de Alcochete, convidámos este grupo a participar também. E vieram. Não vieram todos mas vieram. E voltámos a ler em conjunto como o tínhamos feito no início do ano. O respeito, a capacidade de compromisso, a inteligência e a alegria criou laços entre nós e é também assim que se faz promoção da leitura.

Público em geral

[“Aleatório”](#); [“A biblioteca Andante”](#); [“Poesia à la carte”](#)

Os espectáculos dirigidos ao público em geral, pressupõem que as pessoas vêm assistir sem serem obrigadas a tal, ou que não estão organizadas em grupos específicos. São trabalhos dirigidos aos amantes da poesia e da leitura. Apesar das especificidades de cada um, têm todos um carácter mais genérico quer na escolha dos autores, quer nos temas abordados.

O “Aleatório” inclui um trabalho cenográfico de pintura/vídeo digital do artista plástico Américo Prata que traz uma linguagem estética contemporânea que dialoga com a poesia de Ana Hatherly ou de Mário de Sá Carneiro, de Ruy Belo ou de Margarida Vale de Gato, por exemplo.

O “A biblioteca Andante” é um espectáculo construído com a “biblioteca” que nos formou. Não sendo uma biblioteca infinita, longe disso, é no entanto um grande acervo de poesia que fomos trabalhando ao longo do tempo. Resolvemos abri-lo ao público e possibilitar que esse público escolha dentro destes limites aquilo que quer ouvir e ver. Cada apresentação é uma viagem diferente. Mais do que um recital ou leitura encenada, aquilo que propomos é um jogo em que o público está directamente implicado.

A “Poesia à la carte” é uma performance de rua. Um restaurante de poesia onde o público escolhe o prato (poema) que quer comer (ouvir) usando uns talheres especiais (uns funis que se aplicam nas orelhas). Cada poema é servido a duas pessoas de cada vez e a voz que vai entrando dentro da cabeça arranca emoções inesperadas a quem ouve. Realizamos este trabalho em feiras do livro ou outro tipo de eventos com grande adesão

de público e é uma boa forma de “apanhar” os desprevenidos, aqueles que nunca se aproximariam de um livro.

Comunidade e Formação

Quando as pessoas assistem aos nossos espectáculos, nomeadamente os mediadores de leitura, pedem-nos que lhes ensinemos algumas técnicas, que lhes transmitamos algumas abordagens que utilizamos, de forma mais sistematizada. O ateliê “[A leitura em voz alta](#)” inclui trabalho de corpo e voz (postura, respiração, colocação de voz, dicção), trabalho sobre a exposição que a leitura em voz alta exige e a apresentação de uma leitura encenada. Por esta ser uma área muito específica, em que normalmente um professor ou animador não tem grande formação, fomos sempre bastante solicitados para o fazer. Este tipo de formação é necessariamente pontual mas desde o ano 2000 que tem marcado muita gente em todo o país.

Somente em Alcochete, onde vivemos, podemos trabalhar em continuidade. Aí, criámos o [Clube de Leitura em Voz Alta de Alcochete](#). Quinzenalmente juntamo-nos na Biblioteca Municipal para ler em voz alta, para partilhar leituras. Desde 2017 decidimos experimentar um novo formato e construímos um Coro de Leitores, um coro poético-cómico, que com grande sucesso se tem apresentado ao público não só em Alcochete, mas também em outros palcos onde o livro e a leitura são destacados: “Feira do Livro” de Lisboa, no “Passa a palavra!” de Oeiras, na “Maratona de Leitura” da Sertã, no “Caminhos de Leitura” de Pombal, no espectáculo Quarto Escuro no São Jorge em Lisboa e até fez com que um programa de rádio de âmbito nacional, Prova Oral na Antena 3, lhe dedicasse uma sessão inteira.

Aquilo que acontece quando se trabalha regularmente com um grupo, sem que isso seja obrigatório para ninguém, é que esse grupo ganha em conhecimento, afecto, confiança e modo de estar, as qualidades de uma família. Quando tudo isto está ligado à leitura temos todos a oportunidade de crescer em conjunto.

Impacto do trabalho

Medir o impacto que o nosso trabalho tem no público e nas instituições com quem trabalhamos não é fácil. Não é fácil medir o impacto emocional de um espectáculo nem aferir que percentagem nos pertence do acto de leitura dos leitores com quem nos

cruzamos. Intuímos, no entanto, que o facto de cada vez mais instituições o solicitarem e o facto de sermos distinguidos e mencionados em prémios e publicações podem dar alguns indicadores de que é bastante positiva a marca que deixamos por esse país fora.

Tabelas referentes aos últimos três anos (de Agosto de 2016 a Julho de 2019)

Espectáculos e outras acções de promoção da leitura	Nº de sessões	Nº de espectadores
A Biblioteca Andante	8	487
Sophia na Biblioteca Andante	4	465
Afinal o Íbis	70	2962
Afinal o Caracol	121	5014
Afinal... o Gato?	169	7139
Andante(des)Concertante	40	4100
Aleatório	19	1008
Quem quer ser Saramago	27	2610
adVERSUS	10	501
Poesia à la Carte	14	1053
À volta da língua	3	262
Recitais e outros	29	3008
Comunicações	6	172
Acções de formação	22	-
CleVA (Clube de leitura em voz alta de Alcochete)	67	-
Totais	609	28781

Locais	Nºs
Bibliotecas	58
Teatros	29
Creches e/ou Jardins de infância	81
Escolas	12
Prisões	10
Outros locais	49

Nestas tabelas podem ver-se o número de sessões realizadas de cada espectáculo ou acção de formação, número de espectadores e o tipo de instituição onde se realizaram.

Podemos ainda afirmar que percorremos o país de norte a sul, do litoral ao interior, dos centros urbanos às aldeias que tentam não desaparecer, dos festivais literários às creches de bairros ditos problemáticos. E também fomos a Espanha dizer poesia portuguesa: duas vezes, em [Villamayor, Salamanca](#) e uma vez em Pontevedra no [Salón do libro infantil e xuvenil](#) ; ainda uma outra vez integrados no projecto europeu “[La poesia va por las calles](#)”. Este último tratou-se de uma residência artística baseada em Sigüenza - Espanha e que teve apresentações em Guadalajara - Espanha, Fundão - Portugal, Milão - Itália e Grenoble – França. E ainda Macau e Newark. Aí o nosso trabalho esteve directamente ligado à promoção da língua.

Para além dos números, poderíamos contar algumas das histórias a que fomos assistindo: a senhora que confessou que queria ir ler Saramago depois do nosso espectáculo; o menino que foi buscar a casa o recibo da água para se poder inscrever na biblioteca e requisitar o Príncipezinho após assistir ao nosso Anatomias; a menina de quatro anos de um jardim de infância que recitou o poema de Pessoa “Havia um menino...” que tinha visto no ano anterior no nosso “Afinal o caracol...”; a creche onde os meninos ainda hoje adormecem ao som do CD do espectáculo “Afinal o caracol” e muitas, muitas outras histórias.

Do nosso trabalho resultou nestes últimos três anos:

- A candidatura ao [ALMA 2018 - Astrid Lindgren Memorial Award 2018](#) e 2019
- A [Distinção Maria Isabel Barreno 2017](#)- Mulheres Criadoras de Cultura – atribuída pelo estado português a Cristina Paiva pelo seu trabalho como actriz na Andante.
- A realização de um estudo sobre o CLEVA – o clube de leitura em voz alta que dinamizamos na biblioteca de Alcochete. João Duarte Victor fez a sua tese de mestrado na ESELx, IPL, a partir do nosso trabalho: “[Formar o leitor público: contributos do teatro para o desenvolvimento da leitura em voz alta](#)”.
- O reconhecimento do trabalho comunitário de promoção da leitura por parte do programa televisivo “[Literatura aqui](#)” 2017.02.28 (a partir do minuto 13). Foi através deste programa que o CLEVA se deu a conhecer a nível nacional.

- Alguns encontros de âmbito nacional na área da promoção da leitura continuam a solicitar a nossa presença, seja para a realização de espectáculos, seja para a apresentação de comunicações sobre o nosso trabalho. Nestes últimos três anos apresentámo-nos no [Folio](#) em Óbidos (2017, 2018), nas [Palavras Andarilhas](#) em Beja (2018), nos [Caminhos de Leitura](#) em Pombal (2018 e 2019), no [FLIS](#) em Serpa (2018), no [Festival Books & Movies](#) em Alcobaça (2017), no Ser Bebé, um encontro promovido pela APEI, em [Leiria](#) (2017), no [Poesia, um dia](#) em Vila Velha de Ródão (2017, 2018), [Festa dos Contos](#) em Montemor-o-Novo (2018, 2019), [Maratona de Leitura da Sertã](#), na Sertã (2017, 2018, 2019) e tantos, tantos outros.

- As bibliotecas públicas e, cada vez mais, também as bibliotecas escolares incluem os nossos espectáculos na sua programação. Assim, apesar de já não existir a Carteira de Itinerâncias: Acções de Promoção da Leitura da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (esta instituição ainda financia o programa Ler sem Fronteiras realizado nas prisões, do qual fazemos parte) ou o Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian (instituições que foram durante anos a base financeira da programação cultural das bibliotecas das várias redes), percorremos o país integrados em projectos financiados pelas autarquias, por outros projectos de apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, por fundos europeus, etc.

- Algumas das nossas propostas, como a “Poesia à la carte” são replicadas pelas bibliotecas. Por as terem visto a funcionar com os leitores e por não ser complicado reproduzir algumas das técnicas, os profissionais que dinamizam estas bibliotecas usam estas ideias para prosseguir os seus objectivos. Fazem-no com o nosso conhecimento e apoio.

- Os espectáculos para os bebés, que nos abriram um universo completamente novo no trabalho da promoção da leitura, para além dos resultados directos que têm gerado (há muitas crianças por esse país fora que juntam poemas de Fernando Pessoa a outras brincadeiras suas) gerou mais trabalho directo de promoção da leitura: o primeiro espectáculo “Afinal o caracol” deu origem a um livro que muitos mediadores de leitura (pais, educadores, contadores de histórias) usam para contar o poema de Fernando Pessoa aos seus bebés, mesmo sem o espectáculo.

- Para além do prazer com que assistimos às reacções ao nosso trabalho após cada actuação é também com grande satisfação que vamos recebendo “mimos” que nos dão forças para continuar o nosso caminho. Eis alguns que nos foram chegando através de publicações, por e-mail ou pelas redes sociais:

Graças à Andante, muitas das crianças e adultos de Portugal tiveram acesso privilegiado a grandes nomes da literatura, à riqueza e beleza das suas palavras pela voz de Cristina Paiva, em espetáculos únicos, de grande criatividade e qualidade estética.

Ana Cristina Monteiro

Bibliotecária, na Biblioteca Municipal de Loures (na candidatura ao ALMA, 2017)

A Andante atinge a maturidade com um longo histórico de partilha poética e narrativa, geralmente transfigurada numa experiência que sugere associações, propõe novos contextos e cenários e representa, pela repetição, algo essencial no processo de leitura: o eco. Ouvir poesia é exigente, ouvi-la como eixo central de um quadro onírico, bucólico, simbólico, não ajuda à descodificação. A Andante não cede a estratégias que transformam o literário na sua descrição. Não cede ao didático. Alimenta a arte da representação oferecendo caminhos de leitura.

Andreia Brites

Mediadora de Leitura, [Blimunda nº 59](#) (pág. 49), 2017.04

Em “Afinal o Íbis”, a forma como o poema é apresentado contribui para o desenvolvimento da competência lexical, permitindo às crianças aprender palavras novas de forma muito divertida. Contribui também para o desenvolvimento da consciência fonológica através da forma como são segmentadas as palavras ao serem pronunciadas e saboreadas de forma pausada e também através da repetição de sílabas em final de palavra. Tudo isto é feito sem que o espetáculo perca a sua dimensão lúdica e se constitua como uma manifestação artística muito bonita, não assumindo nunca pretensões explicitamente didatizantes.

Maria da Encarnação Silva

Professora, na Escola Superior de Educação de Lisboa, (na candidatura ao ALMA, 2017)

Que poesia, que brincadeira, que inocência, que leveza e que rigor na relação entre a ética e a estética. Uma autêntica referência para aqueles que precisam de exemplos de como fazer bem as coisas. Sem naftalina, salamaleques, peneiras. Cheio de frescura e delicadeza e coragem e ternura e vulnerabilidade. É isto a cidadania, trabalhos que nos engrandecem porque alimentam a nossa capacidade de nos tornarmos melhores, mais encontrados connosco, mais disponíveis para o encontro com o outro.

Paulo Condessa

Mediador de Leitura, [Facebook, 2017.01.11](#)

É sempre bom quando percebemos que Afinal chegamos às pessoas, neste caso, aos pais. Segunda feira, aqui na biblioteca, uma mãe veio inscrever a filha na biblioteca municipal e manifestar o seu agrado e espanto pela Vossa qualidade e trabalho. Afinal, afinal... vale a pena

Paula Gonçalves,

Bibliotecária, na Biblioteca Municipal de Soure

(e-mail recebido em 2019.06.25 após a realização do espectáculo “Afinal...o Gato?”)

Em jeito de conclusão

O impulso primeiro que fez nascer a Andante, “partilhar o prazer da leitura”, norteou todo o nosso caminho até agora. Com tudo o que aprendemos durante 20 anos de “estrada”, aquilo que nos mantém a criar novos trabalhos, a aceitar novos desafios, a seduzir mais leitores, é o mesmo impulso inicial: partilhar o prazer que a leitura nos traz.

Estes anos de experiência tornaram-nos muito resistentes o que ajuda a quem resolve fazer da sua vida incentivar os outros a ler. E ajuda, principalmente quando não se vislumbra a curto ou médio prazo um investimento público ou privado nestas áreas. Batalhamos contra gigantes: uma sociedade superficial e consumista não é o tipo de sociedade que crie cidadãos leitores, informados, de espírito crítico, empáticos,

respeitadores do outro e que se façam respeitar. Mas não nos imaginamos a fazer mais nada. Temos ainda uma "arca" cheia de sonhos: juntar a leitura à dança, fazer parcerias com mais criadores, levar mais longe a língua portuguesa, juntar artistas de outras línguas para as fazer soar juntas, e muitos outros.